

# Poesia em (t)ramas: Mafra Carbonieri

Aurora Bernardini<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo

Poesia Reunida 1950-2020

A Lira de Roque Rocha  
O Canto furtivo  
Modas de Aldo Tarrento  
A Lira de Malavolta Casadei  
A Lira de Orso Cremonesi  
Cantoria de Conrado Honório  
Carta sobre o destino e a urgência  
Diálogos e sermões de frei Eusébio do Amor Perfeito  
Alguma poesia na prosa  
2020

Conheci a obra poética de Mafra Carbonieri em 2000, quando sua coletânea *A lira de Orso Cremonesi* foi contemplada pelo “Prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira”, atribuído pela revista *Cult*. Imediatamente interessei-me por suas outras antologias que consegui, na época, e cujos trechos irei citar em seguida por ordem de leitura.

Elas vieram a fazer parte dessa *Poesia Reunida*: a cada livro, um prêmio. Não creio exista no Brasil outro poeta tão premiado e perenemente atual, e ao mesmo tempo tão pouco resenhado pela crítica e tão merecedor de encômio e divulgação.

**Orso Cremonesi** é uma das *personas* do poeta (*transcriaturas* – diz ele): professor, jornalista, vitalista, cético. Fiquei logo encantada com a percuciência e a amplitude de suas visões:

## **ARS POETICA**

*Gênio é o talento com tempo.*

*Jovens escritores,*

*tenham tempo.*

*A forma não é importante.*

*Basta que seja perfeita.*

*A linguagem carrega a vida e a morte.*

---

<sup>1</sup> Escritora, pintora, tradutora. Possui doutorado em Letras (USP) e é professora titular da Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Letras Orientais (DLO), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade São Paulo (USP). E-mail: bernaur2@yahoo.com.br.

*Ou o contrário?  
Mera matéria indivisa e sem corte.  
Fadário.*

*Na arte de Malaparte, ou Nava,  
na sagração da lava ou dos ossos,  
estilo é lira de nervos  
que soa ao vento, desnuda,  
e se refaz no ar,  
perante Neruda, Pessoa,  
ou Gullar.*

*Conteúdo é só escrúpulo  
(nada mais do que isso).  
O resto é o insulto dos insepultos.  
Abismo a prumo  
para a ronda do crepúsculo.  
Necessário tê-lo  
(e por inteiro).  
Espelho voraz e cúmplice  
onde o rosto (diverso e uno)  
se confronta.*

*Palavra é sentido e caça  
(ao alvedrio):  
o encontro dum mundo perdido  
e seu lavradio.*

*Na estrada  
ou num campo de centeio,  
aqui ou em Agrigento,  
seja Gregório ou Tarrento,  
gênio é o talento que passa  
(e não passa).*

*O oposto do passatempo.*

Mas há outras figuras, cada qual com o seu estilo, cada qual com sua história, embora interconectadas. A intervalos, ou ao mesmo tempo, elas confluem para o criador.

“Porém, **Malavolta Casadei**” – diz Mafra, no ‘*E-mail ao editor*’–, “que controla a narrativa de meu romance *O abismo*, [e também dá uma sapientíssima entrevista na coletânea de contos *Os Gringos* - 2015] parece ter escrito *Carta sobre o destino e a urgência*. Não se pode ter certeza quanto a essa autoria, tão avassaladora é na sua criação a influência de poetas inexistentes: todos eles discípulos duma tradição que cobra da palavra a responsabilidade de seu sentido.”

Não é preciso ir longe. Já o primeiro poema de *Carta sobre o destino e a urgência*:

### **RODRIGUANA**

*A verdade é imperdoável.  
A felicidade é estéril.  
O amor é breve, ainda que eterno.  
E a eternidade não passa.*

*Confissão não é arrependimento.  
Dominicana ou profana,  
toda humildade é falsa.  
Inocência é escarmento.*

*O inferno é a esperança.  
Paixão é semente que quando se planta devasta.  
A causa da traição é a confiança.  
Hipocrisia é indício de espírito.  
Toda virtude é suspeita  
(mas o vício se basta).*

*Abraços. Soluções de bruços.  
O ópio é o sexo do povo.  
O suicídio é cênico.  
Toda contrição é um adiamento.*

*Súbito brilho duma lança.  
A realidade é familiar  
e a honra ordinária  
(a todos o inverno alcança).*

*Se adverso  
o verso é o poema.  
A poesia é o sentido  
e o sentido é múltiplo.  
O homem é duplo: menos o escritor:  
o escritor é a humanidade.*

*Deus criou Deus  
(a verdade é estéril).  
Deus não está em todos os lugares  
(a eternidade não passa).  
Deus adocece  
(todo castigo será desnudado).  
Devemos proteger Deus  
(a felicidade é imperdoável).*

é um prenúncio de seu

### **ARQUIVO**

**- I -**

*Dentro  
da humanidade vária,  
a desumanidade é uma só  
(a crueldade unânime não se separa de si mesma).  
Ela designa a escória  
e o gueto.  
Ela submete a história  
e o pária.  
Alcântara Machado escreveu:  
“Não me interessa o pouso  
de gente somenos.”*

**- II -**

*A escravidão  
não faz apenas escravos.  
Faz os senhores duma elite surda  
e torpe.*

**- III -**

*Vinde a mim os monossílabos.  
Ainda que átona seja a fé,  
eu me apego às interjeições da crença.  
Creio no espanto  
e no êxtase. Na alegria. Na ameaça.  
Acredito na traição do próximo  
(também na surpresa de sua redenção).  
Na descoberta do ódio  
e na presença do pavor.  
Creio na dor abismal. E também na morte  
onde todas as interjeições se encontram.*

**- IV -**

*Cedo.  
Muito cedo  
a infância negra  
começa a bater a cabeça  
nas portas do mundo  
(fechadas).*

**- V -**

*História  
é  
o fato  
que justifica o seu relato.*

**- VI -**

*Naquele tempo  
Deus era um monossílabo tônico.*

... e da lucidez inclemente de sua visão do mundo.

**Conrado Honório**, autor da *Cantoria*, é compositor popular. “Onde há verso pode haver poesia, desde que a percepção a reconheça como fenômeno estético onde quer que se encontre, na música popular ou na literatura”, diz Mafra.

E de fato:

### *Epígrafe*

...

*Que adianta a rua sem caminho?  
Perdi a esperança e o sentido.*

*E tendo ferido a mão no espinho,  
durante a espera,  
deixei no sangue a impressão digital  
do que era.*

Ou, então

### *Minha cantoria*

...

*malvadeza malvadeza  
eu casado na igreja  
com lençol e sobremesa  
comedido na cerveja  
mas por dentro eu me roía  
desgostoso da alforria  
que se ia  
que se ia (!)*

E ainda:

### *Alberto Caeiro revisitado*

...

*Ó melhor lugar da casa é a casa inteira,  
com o sol por visita, o silêncio,  
o estalo pressentido da madeira, as cortinas,  
um resto de cinza na lareira,  
uma aragem de sombra pela sala,  
o cachimbo, a certeza do café na copa  
e o gato na esteira.*

Já **Aldo Tarrento**, autor de *Modas*, é um violeiro sábio e... machista. “A poesia de Aldo Tarrento” – diz Mafra ao introduzi-lo –, “temperada na viola e no berrante, e cadenciada pela andadura do cavalo, pertence a Conchal, com a sua espontaneidade rude. Mas a mulher do cantador, Ester Varoli Tarrento, culta, livresca e regente do coro da igreja, andou mexendo no texto: semeou estilo: transplantou literatura: espalhou ninfas no capão de mato.”

### *Entrevista*

...

*Escrevo a torto (nem sempre a direito).  
Não sou poeta do horto. Nem do eito.  
Eu não lamento nada.  
Antigamente céu era firmamento.  
Cipó ou cavalo,  
homem ou pó,  
tudo tem nome:  
o meu é Tarrento.*

*Escrevo à toa:  
faço os espinhos: não a coroa.  
Entendo de gado e viola.  
Mas me comove a mulher (de costas  
ou de bruços), com medo de estalidos,  
e se possível, por favor, aos soluços,  
o pudor nos amassados da colcha  
e os cabelos escorridos.*

E:

...

*Eu sou a natureza entregue a si mesma.  
Os versos que voam de mim são arredios  
e traiçoeiros, ou suaves, também sujos,  
humanos, logo mortais,  
como a poeira que o vento suspende sem esforço,  
no caminho,  
e em seguida devolve ao caminho,  
que não sabe o que está acontecendo.*

*Minhas palavras têm exatamente o sentido da poeira.  
Voam por um momento, brilham ao sol,  
caem na lenta viagem de volta, desaparecem  
e nem eu dou por isso.*

*Escrevo (trabalho)  
solitário e vário. Carvalho sobrevivente,  
só escrevo nas horas ocupadas  
enquanto ferro um bezerro  
ou castro.*

Mas, também há

## **MODA**

*Gosto de Joyce. Rima com foice.  
E de Flaubert. Não é uma espingarda?  
Adoro Machado. Tão perfeito.  
Tão afiado e fino.  
Aprecio violão rachado:  
tudo o que cante um hino  
e arda  
no peito.*

E chegamos a **Frei Eusébio do Amor Perfeito**, protegido pela “inidentidade” pregada por sua ordem, um frade devasso, vergastador de corruptos, à moda de seu mestre, Gregório de Matos e autor de *Diálogos e sermões*.

Se não, vejamos:

### **SERMÃO DAS QUADRAS E UMA LADAINHA**

Figura arquipital e indecorosa.  
ORSO CREMONESI

*Figuras pachecais e abranhosas  
reluzem nos salões do ministério.  
São comissões. Missões. E omissões  
onde se sopra a chama do mistério.*

*Figuras patriarcais e oleosas,  
oblíquas de silêncios e critérios,  
escondem no discurso a frase iníqua  
onde se funde o voto do mistério.*

*Figuras paroquiais e preciosas,  
escuras de desejo deletério,  
a conta ávida e a bolsa obesa,  
devastam a natureza do mistério.*

*Figuras paternais e pegajosas,  
orando cantochões de monastério,  
as cinco chagas da mentira expostas,  
desabotoam as bragas do mistério.*

*Figuras imortais e odiosas.  
Eternas. Tanto como o cemitério.  
A palma no céu e a mão no inferno,  
aprisionando a alma do mistério.*

*Figuras monacais e tediosas.  
Ao mesmo tempo alferes e Silvério.  
Rios rasos onde se passa a vau.  
Bufões. Misteriosos de seu mistério.*

*Figuras geniais e geniosas.  
Comediantes de semblante sério.  
Desnudos de gravata e anel de grau.  
Sacramentais. E sem nenhum mistério.*

*Figuras patriarcais e oleosas.  
Figuras paroquiais e preciosas.  
Figuras paternais e pegajosas.*

Mas também é o impagável intérprete de outras grandes figuras:

### **AO REVERENDO ARTHUR RIMBAUD**

*A terra é azul. E o céu, terroso.  
Para os miseráveis o pão é preto.*

*O sol, orange. E o homem, mélange.  
Para os miseráveis, Javert est vert.*

*A lua é clara. E o fado, tenebroso.  
Para os miseráveis a cor é o gueto.*

*A esperança é malva. Depois matura.  
Ódio. Quando vermelho não tem cura.*

*A ternura é alva. E o amor, yellow.  
A coragem, pálida. E o medo, rubro.*

*Sedução, polida. Traição, lívida.  
Os emblemas brilham. Apenas brilham.*

*Deixemos para a prata o dom da culpa.  
O pecado é branco. E o castigo, negro.*

E:

### **AO REVERENDO HAROLDO DE CAMPOS**

*O poeta do absoluto  
passa em revista o regimento  
de palavras. Clarins.  
Tambores recitam decassílabos afins.*

*Não a Ilíada. Não a Odisseia.  
O pensamento na fossa ilíaca  
o poeta do anacoluto escreve  
A centopeia dos confins.*

*Marcham as palavras sem medo  
pelo Suplemento.  
Usam meias pretas e chinelos de dedo.  
Trompas. Tiros de festim.*

*O poeta do dissoluto  
desfralda a barba. Ergue o charuto.  
De pijama e roupão de cetim  
contempla o sentido irresoluto  
das palavras. Um delfim.*

Entre as coletâneas novas, para mim (apesar de antigas, pois ambas foram compostas em 1970), acrescentadas à *Poesia Reunida*, estão *A lira de Roque Rocha* e *O canto furtivo*.

O personagem da *Lira* é **Roque Rocha**, filho bastardo, odeia o irmão Pedro e ama a irmã, Eugênia. Acaba suicida.

Conta ele, na *Cantiga da noite escura*:

*Meu pai monta o seu bragado.  
Cavalga na noite escura  
(em pelo). Sem aparato.*

*Cavalos na aragem pura  
relembra a andadura  
de cascos e ferraduras.*

“Domador de cavalos e jogador de xadrez, peão de fazenda e sócio do Centro Cultural, **Roque Rocha** articula-se sobre contradições. Inédito a ponto do rancor e da solidão, ele se deixa influenciar pelos poetas que cita nas epígrafes, sem esconder o sarcasmo com que hostiliza **Malavolta Casadei**, “tem família e louça inglesa”, acusando-o de hipocrisia. “Mas imita Casadei” – diz Mafra, na nota introdutória. Imita também outros, entre eles, **Aldo Tarrento**, como nessa

#### *Balada do sal da terra:*

*os sinos na areia branca  
acordam gestos de bronze*

*os homens nascem da terra  
a vila nasce dos homens  
os sinos na areia branca  
acordam gritos de sal*

*a chuva espraia na serra  
o cheiro quente das mãos  
que vieram para a enxada*

leva depressa mulher  
este pão a teu marido

...

Até perder-se de amor proibido e de ressentimento

### **PARA EUGÊNIA**

*Ponho os arreios no cavalo zaino.  
Ainda há conhaque no cantil.*

*Folhas de sombra me invadem a fronte  
prisioneira. Cavalgo para o abismo.*

*Meu Deus, o que farei para fugir,  
rompendo a consciência de meu nada?*

*A vida é a sela deste zaino  
e os manuscritos que na guampa escondo.*

*Vencido, olhei para o vitral do mundo,  
dentro da igreja em que não fui aceito.*

*Lembro, tu me surgiste, o riso claro.  
Entraste em minha vida lentamente.*

*E fez-se o sol no fundo de meus olhos.  
E isso me fez cego. Me fez cego.*

Fato curioso, essas transcrições, que também aparecem na narrativa de Mafra (que além de poeta, também é um escritor de contos e romances de grande impacto), conversam entre si, separam-se, voltam a se reunir.

Como em *O canto furtivo*, onde se cruzam as vozes do sábio **Malavolta Casadei** e do músico engajado **Paulo Vaz Vendramini**, num

### **COMPASSO DE ESPERA**

*Dizem  
que a poesia morreu  
nos espinheiros deste século*

*É verdade  
Mas ressuscitou ao terceiro dia  
e virá julgar a angústia de cada homem*

*Enquanto  
uma angústia existir  
para ser julgada à luz do sol  
a poesia brotará de todas as fontes mortas e secas*

*como a ave desce o voo  
e lentamente se agasalha na sombra*

E agora, ***Alguma poesia na prosa***, lembrando uma transcritura de um livro ainda inédito e, em **2020**, a fatídica pandemia:

***NOVE DÍSTICOS\****

*Estavas linda no caixão, querida.  
Ausente. No aconchego da saudade.*

*A morte não passou despercebida  
impondo ao vento o seu silêncio antigo.*

*Uma escultura semelhante vida.  
Sem idade. Sem nada. Sem tormento.*

*Ficavas linda na paixão, comigo.  
Intacta. Apesar de dividida.*

*Poesia. Em mil versos repartida.  
Inerte. Em mil versos recordada.*

*A morte nunca passa arrependida  
pelos corpos que abate no caminho.*

*Vestiu de palidez a estátua crua.  
A lua nua se escondia. Cacos.*

*Estilhaços são gritos entre nuvens  
por onde a morte passa branca e fria.*

*Suporto o vendaval de meus escombros.  
Cabeça. Pesadelo. Tronco. Ombros.*

\*Teodoro Rossi, *Antologia do conto renegado*.

**2020**

***Os mortos apodrecem nas ruas.  
Como me isolar se o mundo está dentro de mim?  
Caixões descem por cordas em enormes trincheiras.  
As dores dos outros são minhas.  
Sofridas ou escarninhas.***

***Atrás do vidro fosco,  
uma caveira de capuz?***

***Danada e daninha,***

*a morte entra de máscara pela porta trancada.  
Por ironia,  
passa álcool na foice e nos dedos secos,  
o olho incerto,  
vermelho e várias,  
adversário.  
O bafo muito perto.  
O manto de frade  
adejando ao mesmo tempo muito cedo  
ou muito tarde.*

## REFERÊNCIAS

- CARBONIERI, Maфра. *Os gringos: contos*. São Paulo: Reformatório, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos e Sermões de frei Eusébio do Amor Perfeito*. São Paulo: Reformatório, 2015.
- \_\_\_\_\_. *A lira de Orso Cremonesi*. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Cantoria de Conrado Honório*. Porto Alegre: Mercado Aberto/Gente do Livro, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Canto Furtivo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.